



SOUZAEAD®
Revista Acadêmica Digital

ISSN 2595-5934

**PERIODICIDADE
MENSAL**

JAN 2026 **EDIÇÃO
N°93**

**IDIOMAS
PORTUGUÊS E INGLÊS**

QUALIS B3


CAPES

SELETIVIDADE ALIMENTAR E SEUS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO DE DEFICIÊNCIAS NUTRICIONAIS EM CRIANÇAS AUTISTAS: REVISÃO NARRATIVA

SELECTIVITY AND ITS IMPACTS ON THE DEVELOPMENT OF NUTRITIONAL DEFICIENCY IN AUTISTIC CHILDREN: NARRATIVE REVIEW

ANDRADE, Erika Trigueiro de¹
SOUZA, Fernanda Pereira de²

RESUMO

Os estudos analisados mostraram que crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentam alta prevalência de seletividade alimentar, caracterizada por forte recusa de alimentos, preferência por preparações específicas e repertório alimentar reduzido. Essa seletividade esteve associada, na maioria dos artigos, a baixa variedade alimentar e consumo insuficiente de frutas, legumes e verduras. Os achados também indicaram que essa restrição alimentar contribui para deficiências nutricionais recorrentes, principalmente de ferro, zinco, vitamina D, vitamina B12, cálcio e ômega-3, micronutrientes fundamentais para o desenvolvimento físico e cognitivo. Em diversos estudos, observou-se ainda que o padrão alimentar limitado pode interferir no crescimento e na adequação do estado nutricional. Além disso, os resultados evidenciaram que fatores sensoriais, comportamentais e ambientais influenciam a seletividade, sendo frequentemente citadas a hipersensibilidade a texturas, cheiros e cores, rigidez alimentar e dificuldades na introdução de novos alimentos. Alguns estudos relataram, ainda, que a seletividade pode coexistir com sobrepeso ou obesidade, decorrentes do consumo frequente de alimentos ultraprocessados. Este estudo, desenvolvido por meio de uma revisão narrativa da literatura, teve como objetivo analisar os impactos da seletividade alimentar no desenvolvimento de deficiências nutricionais em crianças com TEA. As buscas foram realizadas nas bases SciELO, PubMed e LILACS, considerando publicações de 2018 a 2025. Por fim, os achados mostraram que intervenções nutricionais adaptadas ao perfil sensorial da criança e realizadas com apoio multiprofissional têm apresentado resultados positivos na ampliação do repertório alimentar, embora a literatura ainda apresente poucos estudos de longo prazo avaliando esses desfechos.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Seletividade alimentar. Deficiências nutricionais. Intervenção nutricional. Desenvolvimento infantil.

¹ Bacharelado em Nutrição. Centro Universitário Santa Maria - UNIFSM. Cajazeiras-PB.
erikaandrade972@gmail.com

² Professora do curso de Nutrição do Centro Universitário Santa Maria – UNIFSM

ABSTRACT

The studies analyzed showed that children with Autism Spectrum Disorder (ASD) have a high prevalence of food selectivity, characterized by strong food refusal, preference for specific preparations, and a reduced food repertoire. This selectivity was associated, in most articles, with low dietary variety and insufficient consumption of fruits, vegetables, and greens. The findings also indicated that this dietary restriction contributes to recurrent nutritional deficiencies, mainly of iron, zinc, vitamin D, vitamin B12, calcium, and omega-3, micronutrients fundamental for physical and cognitive development. Several studies also observed that the limited dietary pattern can interfere with growth and the adequacy of nutritional status. Furthermore, the results showed that sensory, behavioral, and environmental factors influence selectivity, with hypersensitivity to textures, smells, and colors, dietary rigidity, and difficulties in introducing new foods being frequently cited. Some studies also reported that selectivity can coexist with overweight or obesity, resulting from the frequent consumption of ultra-processed foods. This study, developed through a narrative literature review, aimed to analyze the impacts of selective eating on the development of nutritional deficiencies in children with ASD. The searches were conducted in the SciELO, PubMed, and LILACS databases, considering publications from 2018 to 2025. Finally, the findings showed that nutritional interventions adapted to the child's sensory profile and carried out with multidisciplinary support have presented positive results in expanding the food repertoire, although the literature still presents few long-term studies evaluating these outcomes.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Selective eating; Nutritional deficiencies; Nutritional intervention; Child development.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a American Psychiatric Association (APA, 2022), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento cujo quadro sintomatológico se manifesta ainda na infância, apresentando variações individuais na expressão dos sinais e sintomas. A manifestação pode ocorrer de formas distintas, variando de criança para criança. O diagnóstico é realizado com base no Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-V), revisado em 2022 com a versão DSM-V-TR, além da avaliação clínica. Até o momento, não existem exames laboratoriais específicos para identificação do TEA (SANTOS *et al.*, 2024).

O diagnóstico do TEA exige a presença de dificuldades persistentes na comunicação e na interação social, além de comportamentos restritos e repetitivos, que devem estar presentes desde o período do desenvolvimento e causar prejuízo clínico significativo nas atividades da vida diária. O DSM-5-TR também classifica o TEA em níveis de gravidade — leve, moderado ou severo — conforme o grau de suporte necessário. Tais características influenciam diretamente o comportamento alimentar, podendo dificultar a aceitação de novos alimentos e a manutenção de uma dieta equilibrada e variada (SILVA; COSTA; SOUZA, 2021).

A nutrição exerce papel fundamental no desenvolvimento infantil, especialmente nos primeiros anos de vida, quando o crescimento físico e cognitivo ocorre de forma acelerada. Uma alimentação balanceada é essencial para o funcionamento adequado do sistema imunológico, para a formação e manutenção de tecidos, para a função cerebral e para o desenvolvimento psicomotor. Contudo, em crianças com TEA, os desafios alimentares são frequentes devido às características comportamentais e sensoriais próprias do transtorno, que aumentam o risco de deficiências nutricionais e prejuízos no desenvolvimento (SANTOS *et al.*, 2024).

A seletividade alimentar é um dos pontos mais relevantes nesse contexto, caracterizada pela rejeição de novos alimentos, pela preferência por dietas limitadas e pelo consumo restrito de grupos alimentares, como frutas, vegetais e alimentos ricos em fibras. Muitas vezes, crianças com TEA recusam alimentos devido à textura, cor ou sabor, preferindo produtos industrializados de baixo valor nutricional. Essa seletividade acarreta não apenas deficiências nutricionais, mas também disbiose intestinal, constipação, risco aumentado de sobrepeso e obesidade (SHARP *et al.*, 2018; CHISTOL *et al.*, 2018).

Estudos indicam que a limitação alimentar compromete a ingestão adequada de micronutrientes como ferro, zinco, vitamina D, vitamina B12, cálcio, vitamina E e ácidos graxos ômega-3, essenciais ao desenvolvimento físico e neurológico (GONÇALVES *et al.*, 2020; PIMENTEL *et al.*, 2019). A carência desses nutrientes pode intensificar sintomas como irritabilidade, alterações gastrointestinais, distúrbios do

sono e dificuldades cognitivas, além de agravar o quadro do TEA. Em muitos casos, mesmo quando peso e altura estão dentro dos padrões de normalidade, exames laboratoriais revelam deficiências ocultas (MONTEIRO *et al.*, 2020).

Portanto, compreender a relação entre seletividade alimentar e o surgimento de deficiências nutricionais em crianças com TEA é essencial para propor estratégias de intervenção precoce que favoreçam o crescimento saudável e a melhoria da qualidade de vida. Diante disso, justifica-se a realização deste estudo pela relevância do tema, uma vez que a seletividade alimentar impacta diretamente a saúde e o desenvolvimento infantil, podendo agravar sintomas do transtorno e comprometer aspectos cognitivos, emocionais e físicos. Além disso, esta pesquisa pretende oferecer subsídios teóricos para profissionais da saúde desenvolverem estratégias nutricionais mais eficazes e fundamentadas, bem como contribuir para a produção científica na área da nutrição aplicada ao TEA.

Com base nesse contexto, o objetivo geral deste trabalho é analisar o impacto da seletividade alimentar no desenvolvimento de deficiências nutricionais em crianças com Transtorno do Espectro Autista. Para alcançar esse propósito, foram definidos os seguintes objetivos específicos: analisar o padrão de seletividade alimentar, identificando os alimentos mais frequentemente evitados e as preferências alimentares em crianças com TEA; identificar as principais deficiências nutricionais desenvolvidas nesse público; e mapear estratégias de intervenção nutricional empregadas no manejo da seletividade alimentar.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho Tratou-se de uma revisão narrativa da literatura, de abordagem qualitativa e descritiva, tendo como objetivo analisar os impactos da seletividade alimentar no desenvolvimento de deficiências nutricionais em crianças com TEA. Esse tipo de estudo foi escolhido por possibilitar uma análise ampla e interpretativa sobre o tema, permitindo discutir os resultados de pesquisas já

publicadas e compreender de forma mais aprofundada a relação entre comportamento alimentar e estado nutricional nesse público.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de fevereiro e setembro de 2025, abrangendo a busca, seleção e análise das produções científicas publicadas em bases de dados de relevância na área da saúde e nutrição. As buscas foram realizadas nas plataformas SciELO (Scientific Electronic Library Online), PubMed (U.S. National Library of Medicine) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), disponíveis no Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). A escolha dessas bases se deu pela ampla disponibilidade de publicações atualizadas e pela credibilidade que possuem em estudos científicos relacionados à nutrição, comportamento alimentar e saúde infantil.

Os descritores utilizados foram definidos de acordo com os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e com o Medical Subject Headings (MeSH), combinados com os operadores booleanos AND e OR, de modo a ampliar e refinar os resultados encontrados. As principais combinações de termos utilizadas nas buscas foram: “*Transtorno do Espectro Autista*” AND “*Seletividade Alimentar*”; “*Crianças Autistas*” AND “*Deficiências Nutricionais*”; “*Autismo*” AND “*Intervenção Nutricional*”; e “*Comportamento Alimentar*” OR “*Padrões Alimentares*”. Essa estratégia de busca teve como finalidade localizar estudos que discutissem a relação entre o comportamento alimentar seletivo e a presença de deficiências nutricionais em crianças diagnosticadas com TEA.

Foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão para garantir a relevância e a consistência dos materiais analisados. Foram incluídos artigos publicados entre os anos de 2018 e 2025, escritos em português e inglês, que abordassem de forma direta ou indireta a seletividade alimentar em crianças com TEA e suas repercussões no estado nutricional. Foram aceitos estudos de natureza qualitativa, quantitativa e revisões da literatura, desde que apresentassem dados científicos que contribuíssem para o entendimento do tema proposto.

Por outro lado, foram excluídos artigos duplicados, trabalhos sem texto completo disponível, resumos de congressos, publicações de opinião, cartas ao editor e estudos que não apresentassem como público-alvo crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista. Essa filtragem permitiu a seleção de produções com maior relevância científica e alinhadas aos objetivos deste trabalho.

A pergunta norteadora que orientou o processo de busca e análise foi: *“A seletividade alimentar impacta negativamente no surgimento de deficiências nutricionais em crianças autistas, e existe relação com o agravamento dos sintomas do TEA?”* Essa questão orientou o processo de revisão, direcionando a leitura e a interpretação dos resultados de forma coerente com os objetivos do estudo.

Durante a análise dos artigos, observou-se o foco em variáveis como a prevalência de seletividade alimentar, os grupos alimentares mais evitados, as deficiências nutricionais mais frequentes e as intervenções utilizadas por nutricionistas e outros profissionais da saúde. Essa abordagem permitiu uma reflexão crítica sobre os impactos nutricionais e comportamentais da seletividade, considerando tanto as implicações fisiológicas quanto os aspectos sensoriais e sociais relacionados ao comportamento alimentar das crianças com TEA.

Por se tratar de uma revisão narrativa da literatura, não houve participação direta de seres humanos, o que dispensa a necessidade de apreciação ética por Comitê de Ética em Pesquisa. Ainda assim, todas as normas éticas de pesquisa foram respeitadas, com a devida citação das fontes e reconhecimento da autoria das obras consultadas, conforme as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Dessa forma, a metodologia adotada neste trabalho possibilitou reunir e discutir estudos relevantes que abordam a seletividade alimentar no autismo, contribuindo para a ampliação do conhecimento científico sobre o tema. O método escolhido permitiu compreender o fenômeno de maneira ampla, identificando não apenas os impactos nutricionais diretos, mas também os fatores comportamentais e sensoriais que influenciam o consumo alimentar de crianças com TEA.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos artigos selecionados evidenciou que a seletividade alimentar em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um fenômeno recorrente, com prevalência variando entre 46% e 89% dos casos (SHARP *et al.*, 2018; CHISTOL *et al.*, 2018). Essa condição se caracteriza pela recusa de novos alimentos, pela preferência por grupos restritos e pela sensibilidade a características sensoriais como cor, textura, sabor ou temperatura. De acordo com Uchoa *et al.* (2024), o relato das mães demonstra que o momento da refeição é frequentemente marcado por estresse, ansiedade e frustração, tanto para as crianças quanto para as famílias, o que reforça a complexidade da seletividade no contexto do TEA.

Um dos resultados mais consistentes encontrados nos estudos é a relação entre seletividade alimentar e deficiências nutricionais. Pesquisas apontam que crianças com TEA frequentemente apresentam ingestão insuficiente de micronutrientes essenciais, como ferro, zinco, vitamina D, vitamina B12, cálcio e ácidos graxos poli-insaturados, fundamentais para o crescimento, a imunidade e o desenvolvimento cognitivo (GONÇALVES *et al.*, 2020). Azevedo e Lopes (2024) observaram que, em comunidades de difícil acesso, crianças autistas tendem a basear sua alimentação em produtos industrializados e ultraprocessados, ampliando o risco de inadequações nutricionais. Esse padrão alimentar reforça a necessidade de maior vigilância profissional e de estratégias de educação alimentar voltadas às famílias.

Além dos déficits nutricionais, a seletividade alimentar pode gerar repercussões clínicas e comportamentais significativas. Estudos relatam aumento de constipação intestinal, disbiose, risco de sobrepeso e obesidade, bem como agravamento de sintomas como irritabilidade, distúrbios do sono e dificuldades de atenção (SHARP *et al.*, 2018; SANTOS, 2024). Uchoa *et al.* (2024) destacam que a seletividade não deve ser compreendida como uma recusa voluntária, mas como uma manifestação das

alterações sensoriais e comportamentais próprias do TEA, o que exige uma abordagem terapêutica interdisciplinar.

No que se refere às estratégias de intervenção, diferentes estudos ressaltam a importância de práticas graduais e respeitosas. Elpes (2021) defende a exposição repetida e em pequenas quantidades como forma de adaptação, enquanto Chaves (2024) enfatiza o envolvimento da família e a criação de um ambiente alimentar estruturado e tranquilo. Monteiro *et al.* (2020) também destacam a relevância de intervenções lúdicas, como oficinas culinárias e jogos sensoriais, que tornam o processo de experimentação alimentar mais prazeroso. Quando deficiências nutricionais já estão instaladas, pode ser necessário o uso de suplementação, especialmente de ferro, vitamina D e ômega-3, sempre sob orientação profissional.

Os achados demonstram que a seletividade alimentar constitui-se como um desafio persistente em crianças com TEA, manifestando-se por recusa de alimentos novos, preferência por repertórios alimentares restritos e consumo elevado de produtos ultraprocessados. Moura *et al.* (2021) identificaram que comportamentos de rejeição alimentar, limitação da variedade e sensibilidade sensorial estão amplamente presentes em crianças com TEA, o que pode configurar um risco para a adequação nutricional. Para os autores, este padrão torna factível o argumento de que a seletividade alimentar não é apenas um comportamento alimentar singular, mas um fator de vulnerabilidade nutricional.

Em consonância com Rodrigues *et al.* (2023) crianças com TEA apresentam níveis significativamente maiores de seletividade e neofobia alimentar comparadas a pares neurotípicos, embora reconheça a heterogeneidade metodológica entre os estudos, especialmente em termos de definição operativa de “seletividade alimentar”. A ausência de consenso conceitual torna complexo quantificar exatamente o impacto da seletividade sobre variáveis nutricionais, mas não impede reconhecer sua relevância como mecanismo de risco.

Corroborando com Kucuksu e Kilincaslan (2024), a interface entre seletividade alimentar e estado nutricional torna-se particularmente relevante quando

se observa que déficits de micronutrientes são documentados em crianças com TEA mesmo quando os parâmetros antropométricos parecem adequados.

Ainda em conformidade com os autores supramencionados, essa narrativa de casos mostrou prevalência de deficiências em vitamina D (25 %), vitamina A (24,8 %), vitaminas do complexo B (18 %), cálcio (10,8 %) e ferro (9,6%) em crianças com TEA, mesmo em contextos de peso considerado normal. Isso sustenta o argumento de que apenas avaliar peso e altura não é suficiente para descartar carências nutricionais em crianças autistas.

Na concepção de Rodrigues et al. (2023), no estudo de caso-controle com 55 crianças com TEA e 91 neurotípicas, verificou-se que 18,4 % das crianças com TEA apresentavam baixo peso (versus 3,2% no grupo controle) e 16,3% obesidade (versus 8,6% no grupo controle); também 60,6% das crianças com TEA apresentavam alta seletividade alimentar, comparado a 37,9% do grupo controle. Estes achados reforçam que a seletividade alimentar pode coexistir tanto com desnutrição como com excesso de peso, o que amplia o espectro de vulnerabilidade nutricional neste grupo.

A seletividade alimentar favorece a monotonia alimentar, ou seja, a repetição excessiva de determinados alimentos e a rejeição de grupos alimentares como frutas, verduras e legumes. Sob a perspectiva do desenvolvimento, Chistol et al. (2018) ponderam que adolescentes e crianças em fase escolar com TEA que apresentaram seletividade alimentar precoce mostraram pior qualidade dietética e maior risco de inadequações nutricionais, conforme um estudo longitudinal que encontrou associação mediada de seletividade entre traços do TEA e qualidade dietética na infância. Tal fato enfatiza a importância do início precoce do acompanhamento nutricional. Isso corrobora o argumento de que a intervenção precoce pode mitigar os efeitos adversos da seletividade no estado nutricional.

Ao se examinar os déficits micro nutricionais específicos, revisões recentes apontaram que deficiências de vitamina D, cálcio, ômega-3, zinco e vitamina B12 são particularmente recorrentes em crianças com TEA. Por exemplo, a revisão de Kucuksu e Kilincaslan (2024) destacam que dietas restritivas ou com baixa

variedade aumentam risco de ingestão insuficiente desses micronutrientes. A carência desses elementos pode afetar não apenas o crescimento físico, mas também o desenvolvimento neurológico, cognitivo e imunológico, ampliando o escopo de risco para esse público.

A seletividade alimentar interage de modo dinâmico com alterações gastrointestinais e microbiota intestinal. Baseando-se em Bonfim *et al.* (2024), as crianças autistas com dietas restritivas apresentam constipação, disbiose intestinal e aumento de sintomas gastrointestinais, o que por sua vez pode agravar a absorção de nutrientes e perpetuar o estado de inadequação nutricional. Esta via fisiopatológica reforça que a seletividade tem consequências que vão além da ingestão limitada, atingindo também a utilização e metabolismo de nutrientes.

No que tange ao grau de suporte necessário no TEA, Breda *et al.* (2025) sugerem que crianças com níveis moderado a severo de TEA apresentam maiores níveis de seletividade alimentar e, por consequência, maior risco de déficit nutricional. Embora os dados ainda sejam incipientes, essa modulação torna-se relevante para a prática clínica: o grau de gravidade do TEA deve informar a estratégia nutricional a ser adotada.

A discussão sobre os efeitos da seletividade alimentar no surgimento de deficiências nutricionais exige considerar a qualidade da evidência disponível. Com base em Breda *et al.* (2025) sobre intervenções para seletividade em TEA ressaltou que, embora os 36 estudos revisados relataram melhorias nos resultados alimentares, “não ficou claro quão significativo foi o impacto para o estado nutricional da criança”. Essa lacuna evidencia que, apesar da plausibilidade causal, a magnitude e a caracterização exata do efeito da seletividade sobre deficiências nutricionais ainda carecem de robustez metodológica.

Apesar dessa limitação, Santiago, Lyra e Newman (2024) citam que o conjunto de evidências sugere fortemente que a seletividade alimentar em crianças com TEA compromete a ingestão de micronutrientes essenciais e, em conjunto com fatores de absorção, saúde intestinal e condição neurológica, favorece o surgimento ou

perpetuação de deficiências nutricionais e implicações no desenvolvimento infantil. Esta afirmação advém da convergência entre comportamentos alimentares restritivos, ingestão insuficiente de nutrientes, alterações gastrointestinais e dados antropométricos alterados.

No âmbito das estratégias de intervenção, autores como Bonfim *et al.* (2024) destacam que o tratamento da seletividade alimentar deve ser multiprofissional, envolvendo nutricionistas, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e cuidadores, com foco em ampliar a variedade alimentar, adaptar texturas, trabalhar as sensibilidades sensoriais e monitorar o estado nutricional. Em consonância com os autores, essa abordagem contextualiza a seletividade dentro de um espectro de intervenção onde a nutrição não é isolada, mas integrada ao comportamento e ambiente alimentar.

Monteiro *et al.* (2020) norteiam que a intervenção nutricional deve incluir avaliação detalhada de ingestão alimentar, incluindo frequência, variedade, grupos alimentares evitados, perfil sensorial alimentar, histórico gastrointestinal e, quando indicado, exames laboratoriais para investigar deficiências ocultas. Isso porque muitos estudos apontam que crianças com TEA podem apresentar deficiências mesmo com crescimento aparentemente normal. Assim, a prática clínica exige ir além das medidas tradicionais de peso e altura.

A literatura específica também aponta para o papel-chave da família e dos cuidadores no manejo da seletividade alimentar. A participação ativa dos cuidadores, o estabelecimento de práticas alimentares adaptadas ao perfil sensorial da criança e a modelagem alimentar são elementos essenciais para modificar repertórios e, consequentemente, melhorar o consumo nutricional. Monteiro *et al.* (2020) destacam que o envolvimento familiar é determinante para o sucesso das intervenções nutricionais, pois permite a criação de um ambiente alimentar mais estruturado, tranquilo e receptivo. Chaves (2024) também enfatiza que o vínculo afetivo e a paciência durante o processo de introdução de novos alimentos são fatores que favorecem a adesão a uma dieta mais variada. Sendo assim, esse aspecto relacional

e ambiental ilustra que a seletividade não é apenas da criança, mas se insere no contexto familiar e alimentar.

Outro ponto de reflexão refere-se ao fato de que a presença de sobrepeso ou obesidade em crianças com TEA, apesar da seletividade, não exclui a coexistência de deficiências nutricionais. A combinação de dietas densas em calorias e pobres em micronutrientes (por exemplo, alimentos ultraprocessados repetidos) pode gerar padrão paradoxal: excesso de peso concomitante com carências de vitaminas e minerais. Esse fenômeno foi relatado por Rodrigues *et al.* (2023) e Santiago, Lyra e Newman (2024), que observaram que o desequilíbrio alimentar em crianças autistas pode resultar em ingestão energética elevada, porém insuficiente em micronutrientes essenciais, como ferro, vitamina D, cálcio e zinco.

A heterogeneidade das definições de seletividade alimentar entre os estudos, como assinalado por Breda *et al.* (2025) e Rodrigues *et al.* (2023), compromete a generalização dos resultados. Enquanto alguns autores utilizam “picky eating”, “food fussy”, “food refusal”, outros adotam escalas específicas para TEA, o que dificulta comparações diretas e meta-análises robustas

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta revisão demonstraram que o padrão de seletividade alimentar em crianças com TEA é marcado pela recusa de frutas, verduras, legumes e alimentos com textura fibrosa, enquanto há preferência por alimentos de textura macia, ultraprocessados e com aparência previsível. As principais deficiências nutricionais identificadas foram de ferro, zinco, vitamina D, vitamina B12, cálcio e ácidos graxos essenciais. Além disso, a literatura mostrou que estratégias como exposição gradual a novos alimentos, práticas lúdicas, participação ativa da família e atuação multiprofissional são as mais utilizadas no manejo da seletividade alimentar.

O presente estudo reforça a importância de compreender a seletividade alimentar como um aspecto central do TEA, ultrapassando as dificuldades nutricionais

e envolvendo dimensões sensoriais, emocionais e sociais. A alimentação de crianças com TEA deve ser vista como um processo complexo, no qual fatores fisiológicos e comportamentais se interligam, exigindo uma abordagem sensível e humanizada. O manejo da seletividade alimentar deve ir além da correção de deficiências nutricionais, incluindo o estímulo à aceitação de novos alimentos e o respeito aos limites individuais, em um ambiente acolhedor e seguro.

Os achados apontam para a necessidade de atuação multiprofissional, com nutricionistas, terapeutas ocupacionais, psicólogos e fonoaudiólogos, a fim de garantir um cuidado integral e efetivo. A seletividade alimentar configura-se como um dos principais desafios nutricionais em crianças com TEA, por estar associada a deficiências de micronutrientes e prejuízos na qualidade de vida. Entretanto, intervenções precoces e individualizadas podem reduzir seus impactos e favorecer o desenvolvimento físico e cognitivo dessas crianças. Apesar dos avanços, ainda há escassez de estudos longitudinais que avaliem de forma abrangente o estado nutricional e o crescimento de crianças com TEA ao longo do tempo. Novas pesquisas são essenciais para compreender melhor os efeitos da seletividade alimentar e embasar protocolos de intervenção baseados em evidências.

Em síntese, conclui-se que a seletividade alimentar exerce influência direta sobre o estado nutricional e o desenvolvimento infantil, demandando abordagens precoces, interdisciplinares e centradas na criança. Este estudo contribui para o fortalecimento do conhecimento e destaca a importância de práticas nutricionais humanizadas que favoreçam a saúde e a qualidade de vida de crianças autistas e suas famílias.

REFERENCIAS

APA - American Psychiatric Association. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5. ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2022.

AZEVEDO, Eliane Araújo de; LOPES, Amanda Forster. Demandas de cuidado nutricional de crianças com transtorno do espectro autista em uma região de acesso remoto. Revista Ciência Plural, v. 10, n. 1, p. 1–15, 2024. Disponível em:

SELETIVIDADE ALIMENTAR E SEUS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO DE DEFICIÊNCIAS NUTRICIONAIS EM CRIANÇAS AUTISTAS: REVISÃO NARRATIVA. AUTOR(A): ANDRADE, ERIKA TRIGUEIRO DE, COAUTOR: SOUZA, FERNANDA PEREIRA DE.

<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1553609>. Acesso em: 10 setembro 2025.

BONFIM, N. M.; JESUS, L. D.; SILVA, M. C. Nutritional therapy as a strategy for food selectivity in autistic children. *Research, Society and Development*, v. 13, n. 6, p. e9613646121, 2024. DOI: 10.33448/rsd-v13i6.46121.

BREDA, C.; SANTERO, S.; CONTI, M. V.; CENA, H. Programmes to manage food selectivity in individuals with autism spectrum disorder. *Nutrition Research Reviews*, v. 38, p. 112–125, 2025. DOI: 10.1017/S0954422424000052.

CHAVES, M. S. Estratégias de intervenção na seletividade alimentar em crianças autistas. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Nutrição), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2024.

CHISTOL, L. T. *et al* Sensory sensitivity and food selectivity in children with autism spectrum disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 48, n. 2, p. 583–591, fev. 2018. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/s10803-017-3340-9>.

ELPES, R. T. Estratégias nutricionais em crianças com Transtorno do Espectro Autista. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Nutrição) – Universidade Presidente Antônio Carlos, Juiz de Fora, 2021.

GONÇALVES, C. M. R. *et al* O uso probiótico no transtorno do espectro autista e na esquizofrenia: revisão narrativa da literatura. *Revista de Ciências Médicas e Biológicas*, v. 19, n. 4, p. 606–619, 2020.

KUCUKSUCU, A.; KILINCASLAN, A. Beyond Picky Eating: Navigating Food Selectivity in Children with Autism Using ABA. *Journal of Student Research*, v. 13, n. 2, 2024.

MONTEIRO, M. A.; SANTOS, A. A. A.; GOMES, L. M. M. G.; RITO, R. V. V. *et al* Transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática sobre intervenções nutricionais. *Revista Paulista de Pediatria*, v. 38, 2020.

MOURA, G. V.; SILVA, R.R.; LANDIM, L.A.S.R. Seletividade alimentar voltada para crianças com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão da literatura. *Revista Arquivos Científicos – IMMES*, Macapá, v. 4, n. 1, p. 14–19, 2021.

PIMENTEL, Yara Rodrigues Amaro; PICININ, Cíntia Tânia Ribeiro; MOREIRA, Daniela Cristina Ferreira; PEREIRA, Érika Aparecida Alves; PEREIRA, Mário Antônio de Oliveira; VILELA, Bruna Sampaio. Restrição de glúten e caseína em pacientes com transtorno do espectro autista. *Revista da Associação Brasileira de Nutrição - RASBRAN*, v. 10, n. 1, p. 3–8, 2019. Disponível em: <https://rasbran.emnuvens.com.br/rasbran/article/view/657>. Acesso em: 31 maio 2025.

RODRIGUES, J. V. S. POLI, M. C. F.; PETRILLI, P. H. DORNELLES, R. C. M. TURCIO, K. H.; THEODORO, L. H. Food selectivity and neophobia in children with autism spectrum disorder and neurotypical development: a systematic review. *Nutrition Reviews*, 2023. DOI: 10.1093/nutrit/nuac112.

SANTIAGO, F.; LYRA, E.; NEWMAN, P. da S. P. A systematic review: nutritional status and the effect in autism spectrum disorder. *Brazilian Journal of Health and Biomedical Sciences*, v. 23, n. 1, 2024. DOI: 10.12957/bjhbs.2024.85192

SANTOS, S. P. R. dos. Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma visada educativa. *Revista Científica FESA*, v. 2024, n. 1, p. 1–10, 2024. Disponível em: <https://revistafesa.com/index.php/fesa/article/view/467>. Acesso em: 31 maio 2025.

SHARP, W. G. et al. Dietary intake, nutrient status, and growth parameters in children with autism spectrum disorder and severe food selectivity: an electronic medical record review. *Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics*, v. 118, n. 10, p. 1943–1950, out. 2018. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S2212267218306798>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SILVA, M. A. R.; COSTA, T. N.; SOUZA, R. C. Aspectos alimentares e nutricionais de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 31, n. 4, e310417, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/WKnC7ffTK4CJZbgbCJRcChS>

UCHOA, Brunna Karoliny Pereira; ARAÚJO, Antônia Edda; MENESCAL, João Vicente; LEITE, Álvaro Jorge Madeiro. “Esse menino não come” – narrativas de mães sobre seletividade alimentar e autismo. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 32, e3848, 2024. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1597648>. Acesso em: 10 setembro 2025.